UMA CONTEMPLAÇÃO SOBRE A SANTIDADE "AO PÉ DA PORTA" NA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *GAUDETE ET EXSULTATE* À LUZ DE MC 12,41-44

Lucas Emmanuel Lacerda Ferraz[1]

Resumo

A santidade "ao pé da porta" é um mote que rege o pontificado do Papa Francisco, anelando suscitar discípulos missionários pacientes com o serviço do Reino. No texto de Mc 12,41-44, vê-se a viúva como modelo de discípula austera e despojada, que tudo oferece sem nada perder. O método da pesquisa será essencialmente bibliográfico, buscando relacionar o texto bíblico com a santidade "ao pé da porta" presente na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, em vista de encontrar pontes para uma santidade mais livre, oblativa e discipular na contemporaneidade, tão exigente em respostas de amor fraterno e alegria missionária.

Palavras-chave: Santidade "ao pé da porta". Discípulos missionários. Papa Francisco. Óbolo da viúva. Oferecer.

1 INTRODUÇÃO

Em Marcos, na perícope do óbolo da viúva (12,41-44), se monta a paisagem de um ensinamento de Jesus aos seus discípulos, em sua "andança ministerial" por Jerusalém, mais precisamente, no Templo. Como muito de sua prática missionária, sempre orientando sua comunidade itinerante, agora o ensinamento se inicia *ad intra*. Através de sua observação acurada e contemplativa, Jesus, por assim dizer, se "re-catequiza" com a atitude da viúva pobre que oferece tudo o que possuía para subsistir, ao passo que os ricos jogavam suas muitas moedas desmedidamente numa abundância sem sentido e sem fim. Ao contrário do comum, estando sentado, ele é ensinado pela ação da viúva, que nos seus olhos planta um novo cristalino, para então "esbanjar" com o coração o

[1] Estudante do 8° período da graduação em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. *Email: lucas.2020110888@unicap.br*

despojamento de uma mulher que acende nele a lamparina da austera alegria do "dar tudo sem nada perder", oportunizando uma nova direção aos seus discípulos: de que a penúria da viúva, metaforicamente, é causa para uma vida nova ofertada como dom de si aos renovados horizontes de uma santidade-missão livre, oblativa e discipular.

A viúva que faz a oferta de todo o seu óbolo chega aos nossos dias com "as correias das sandálias desatadas" (Jo 1,27) no chão santo da história, através dos muitos santos "ao pé da porta" como introjetou numa categoria veemente o papa Francisco na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*. Estes santos da vida de todos os dias ajudam a construir morada no mundo para os muitos peregrinos que anseiam um ninho (Sl 84,4), onde habite o amor fraterno e o bálsamo da integralidade humana. Papa Francisco sempre exorta a todos do chamado à santidade, que não é pura e simplesmente uma voz, mas a partir da voz de Deus que chama a todos que respondem com generosidade e alegria é que as portas do coração se abrem à paciência e à constância de uma caminhada cotidiana pelas estradas sinceras do amor, da misericórdia e da fraternidade, lugar onde o oculto se revela.

Contudo, muitos santos "ao pé da porta", na luta por continuarem cantando um cântico novo (Sl 96,1-2), se deparam com a exigência do mundo hodierno, imerso na lógica de um amor pago, preso e escravizador, que não se abre ao despojamento de si para ofertar tudo o que se tem à vida: sua disposição, sua voz, seu testemunho, seu desejo de justiça, etc. A sociedade tem encontrado, cada vez mais, espaços de mortes abundantes, e não somente físico-biológicas, mas "falecimentos de mãos" que não mais querem se encontrar, de algum modo, com os famintos do caminho, com os leprosos do percurso, com os cegos das veredas, para então tirá-los de sua penúria e conduzi-los à nova estrada da vida que se funda no "tudo dar sem nada perder".

Com isso, deseja-se percorrer um caminho de contemplação da viúva como santa "ao pé da porta" que chega presentemente como sinal de esperança a uma missão autenticamente livre, que na oferta de si como

dom de uma vida nova, faz que a beleza vença o mal num mundo irrigado pela chuva poluída do sangue de tantos e pelo barulho explorador das moedas excessivas que compram a morte, não deixando que muitos santos levem "aos pés das portas" e aos corações, o alento do florescer do Novo Dia.

2 DOS ÓBOLOS AO ÓBOLO: UM CHECK-UP BÍBLICO-HERMENÊUTICO

A palavra "óbolo" é bastante provocadora à travessia que se faz cotidianamente na história, ou melhor, à Páscoa missionária que tem o despojamento como senha de acesso a uma terra nova, a partir da abundância no pouco que se lança ao amor e à paz, elementos primordiais à edificação da vida. Por isso que essa palavra contrastante é muito importante para entender o contexto dessa perícope e a face mística existente no seu plano de fundo.

Contextualizando o itinerário, é importante compreender que a pregação de Jesus em Jerusalém, e mais especificamente, no Templo, é um momento "de divisão" de sua missão, não como separação, mas como decisão para que os discípulos adiram a um novo projeto evangélico, onde não mais vigore o escárnio comercial da casa do Senhor, lugar de oração, como sendo um covil de ladrões (Mc 11,17), bem como o desdém à autoridade de Jesus por parte dos chefes dos sacerdotes, escribas e anciãos, através de uma indecisão desconfiada que, sem a ótica da fé e pautados apenas numa institucionalização religiosa, diz: "Não sabemos" (Mc 11,33). E ainda, o questionamento dos saduceus sobre a existência da ressurreição com um exemplo bastante fundamentalista que despreza, por assim dizer, a permanência de Deus ao longo da história como sendo o Deus da vida, dos vivos.

Assim, desde virar as mesas do Templo até plantar a semente da provocação nos seus discípulos diante das outras personagens que aparecem na cena e o contexto espacial que as envolve, Jesus mostra o sentido genuíno do seu ensinamento e o percurso que se tem de fazer para

encontrar o essencial. Ele faz questão de ser bastante firme e até rude, face à situação do instante, para que pudesse oportunizar voz à garganta entalada de um Reino que tem muito a dizer, não com e por insensatos, mas com e por discípulos autênticos de uma oblação livre que, na vida, tem sua força motriz no mandamento do amor (Dt 6,4-5; Mc 12,29-30). É a partir desse cenário, implantado com o segundo mandamento - "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Lv 19,18; Mc 12,31), que o rosto da viúva começa a ser impresso nos olhos de Jesus como um modelo-vislumbre de "gente humilde e simples, completamente aberta e disponível a Deus" (Fabris, 2002, p. 570), que "em vez de ostentar prestígio e desejo de concentração, despoja-se de tudo o que tinha, dando tudo e dando-se totalmente a Deus [...]" (Bortolini, 2003, p. 229). Com isso, a viúva é introdutora de um novo comportamento, ao passo dos ricos passantes, detentores de uma postura fechada, indisponível, desdenhosa e interrogadora.

Entrementes, entende-se que a dominação ideológica quando em relação ao fulcro da vida exige de Jesus uma conduta um tanto severa, mas ao mesmo tempo sutil, quando trata do objetivo da messianidade. Muitos ainda se punham na estrada da interrogação, fazendo Jesus elencar alguns apontamentos a serem seguidos como caminho para o "cuidado à não condenação" (Mc 12,38-40). Dentre os certames apresentados, aparece um que se torna o motivo do término do ensinamento de Jesus no Templo: a viúva que, no "[...] final desse episódio (12,41-44) não só contrasta fortemente com esses seis grupos rivais e detentores de um poder de morte, mas representa também o ideal de discípulo que Jesus procura" (Bortolini, 2003, p. 228). Jesus começa a mencioná-la no v. 40, quando diz que suas casas são devoradas pelos escribas. Aqui se encontra o sobressalto de Jesus, que não tira os olhos da viúva, e observando-a logo mais (Mc 12,41-42) consegue hermeneutizar-se para também lançar suas moedas aos discípulos, ou melhor, o seu ganho realizado na perda, na oferta dela (Mc 8,34-37; Mt 16,24-28; Lc 9,23-27).

Dois momentos são importantes de serem compreendidos: a contemplação de "duas vozes que não falam" – a de Jesus que olha, a da

viúva que faz -, e o desaparecimento da oferta e da ofertante, feito assim implicitamente, para que o ensinamento ajude a aparecer a verdadeira oferenda. Com isso, vê-se que nos v. 41 e 42 alguns elementos abrem a porta da interpretação: o Tesouro do Templo, a multidão das pequenas moedas, os ricos das muitas moedas, a centralidade objetada na pobre viúva das duas moedinhas, e aquele homem sentado que observava a movimentação. Contudo, um objeto é essencial a esse respeito: qual a intenção de todos, sem exceção, em ofertarem suas moedas no Tesouro do Templo?

O autor sagrado não faz uma menção específica sobre esse assunto, mas a oferta da viúva, semanticamente e quando em se tratando do recurso da provocação evangélica, torna-se "intencional"; a catequese de Jesus, posteriormente, fará esse trabalho de provocar os discípulos face ao gesto da viúva. A multidão que passa joga muitas moedas, bem como os ricos em sua abundância o fazem do mesmo jeito - a "sonorização" dessas ofertas era ouvida num depositar que tinha apenas como intenção a prática de um culto teórico, seco e sem a implicação da existência. Porém, um novo som dos dons ofertados é ouvido com atenção por Jesus: a viúva que lança todo seu óbolo, como em migalhas que caem das mesas dos seus donos (Mt 15,21-28; Mc 7,24-30), sem as ressalvas da abundância que a opulência do poder explicita como o modelo de oblação perfeita, mas que não carrega a essencialidade do ser.

É assim, portanto, que se abre a interpretação dos versículos seguintes (43-44), que fazem parte de um novo *Sitz in Lebem*, dado na catequese de Jesus aos seus discípulos, e advindo pelo gesto louvável e renovado da viúva que faz a diferença em relação aos feitos dos ricos e da multidão, mas, sobretudo, pelo cerne revelado desde a contemplação de Jesus até a ação de "vocacionar" os discípulos à escuta, à nova ótica, ao novo testemunho. Por isso, algumas peças dessa parte são imprescindíveis para aquilo que se revela ao final da cena: Jesus que chama para si os discípulos, a oferta de um novo testemunho (contemplado, alcançado ao coração e anunciado) e o vislumbre de novas linhas discipulares "anamnetizando" o dito no

evangelho: "Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos" (Bíblia [...], 2002, Mc 9,35, p. 1773). A viúva é a última na ordem das doações realizadas, e a última a oferecer o primeiro e excelente exemplo/testemunho de discípula, e assim, a primeira a oferecer a oferta contrita do coração despojado.

Tomando a primeira peça da cena, nota-se um aceno interessante que está no ato de Jesus em chamar para si os discípulos. Ele faz um paralelo entre as atitudes presentes no ambiente, mostrando cada um dos passos trilhados e o resultado subjetivo alcançado por cada um – os ricos numa dita entrega abundante, a multidão que passa e "joga com pressa" suas moedas para que todos tenham sua vez, e a viúva que já tinha no coração a dedicação de uma oferta "lenta, teimosa e com tempo", dito assim numa linguagem poética, mas que poderia ter despertado nela um outro sentimento, se sua base fosse a do domínio da época: medroso e de uma "Maria vai com as outras". Não! Firmando sua decisão pela arte da lentidão, ela [...] ensaia uma fuga ao quadriculado; ousa transcender o meramente funcional e utilitário; escolhe mais vezes conviver com a vida silenciosa [...]" (Mendonça, 2017, p. 21).

Aqui está o contraponto que cria o preâmbulo do v. 44 já no versículo anterior: o pouco lançado que apresenta o muito ofertado. Esse bojo se monta através de duas expressões veementes e até pitorescas, que fazem acontecer o inusitado de um contexto até então planeado por um outro tipo de topografia, alicerçado no veneno dos poderosos que, "em nome da religião e da fé, suga dos pobres o pouco da seiva que têm [...]" (Bortolini, 2003, p. 231-232). Eis as expressões: "[...] todos os outros deram do que lhes sobrava. Ela, porém, na sua penúria, ofereceu tudo o que tinha [...]" (Bíblia [...], 2002, Mc 12,44, p. 1778) [grifo nosso]. A ponte pela qual Jesus faz transitarem os discípulos para que encontrem porto no desejo de um novo coração vem pelas palavras "sobrava" e "penúria". Dois momentos totalmente antagônicos pessoal e materialmente que introjetam a base do ensinamento de Jesus, e que são convergidos para um núcleo: o oferecer. Jesus constata que a viúva, com seu testemunho, oferece e oferece-se num

novo exemplo de travessia a ser adotado pelos discípulos, não mais com a oferta da abundância que não têm suficientemente a abundância de um coração e vida pagas com muitas moedas, mas *ex toto corde* cria a abundância no pouco que se tem, e não somente isso - se oblata de si e dá tudo.

Portanto, à vista disso, é possível buscar e, consequentemente desejando, encontrar a via pascal "dos óbolos ao Óbolo", que direciona a oblação de si como dom da própria vida e da existência, abrindo alas a um novo jeito de ser discípulo missionário, reverberado no novo gesto sinfônico da viúva, que pautado no "tudo oferecer sem nada perder", vai aos pés das portas, insistentemente, desejando entrar no coração das margens?

3 TUDO OFERECER SEM NADA PERDER: A DESPOJADA AUSTERIDADE COMO VIA MISSIONÁRIA PARA OS SANTOS "AO PÉ DA PORTA"

"[...] Tudo o que tinha, tudo o que possuía" (Bíblia [...], 2002, Mc 12,44, p. 1778). A indefinição do pronome "tudo" é o motivo pelo qual se faz a interpretação de um algo tão específico e aprofundado. A viúva pobre recria, metaforicamente, "a gramática semântica" que Jesus posteriormente utiliza no seu ensinamento para os discípulos, alterando com o seu testemunho o sentido dos verbos sinônimos "ter" e "possuir", mas que também ganham um outro teor: quando batem o martelo do novo jeito de ser missionário, recriando conjuntamente a semântica do verbo "oferecer" e, com ele e os anteriores, locuções a uma nova passagem – oferecer tudo o que possuía. Melhor dizendo, o "tudo oferecer sem nada perder" como nova maneira de calçar as sandálias da missão (Mc 6,9) afinam a viola de um "Amém!" dito soprosamente, que não deixa sentir-se longe do Reino de Deus (Mc 12,34) aqueles que se dispõem ao amor; ao contrário, aproxima e reúne a todos para uma esperança "ao pé da porta".

É assim que se escrevem as linhas da "cantiga do florescer" que tem a esperança como adorno sinalizador de vida na viúva, e que desenham as partituras de uma nova beleza, saindo e espalhando as sementes do Reino

nos vários terrenos (Mt 13,3b-9.18-23; Mc 4,3-9.13-20; Lc 8,5-8.11-15), sem perder a confiança de um solo frutífero que as acolha no amor, para que deem frutos abundantes, só que com o exemplo diferencial da viúva pobre: a abastança do pouco que oferece a vida.

Esse trabalho de "semeadores das moedinhas" no grande campo da vida, que é o mundo, é realizado pelos muitos "santos ao pé da porta" como bem identificou o papa Francisco na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*. Obviamente, algo que Francisco faz questão de enfatizar em seus documentos, e nesta exortação não poderia ser diferente, é a alegria como motivo perene daqueles que escutaram a voz de Deus e responderam decididamente e com exultação pascal à renovação que o encontro com Deus resulta na pessoa (Francisco, 2018, p. 7.59-62).

Então, a viela onde passam os transeuntes da missão, fazendo-os chegar "às portas" dos diversificados redis do mundo contemporâneo é que traz a grande característica desafiadora, pessoal e comunitariamente. Os "santos ao pé da porta", ao modo da viúva pobre, chegam aos dias emergentes com uma grande exigência que não se objeta no mundo das estrelas, mas na base da história, evidentemente com as mãos e os olhos dinamizados por um movimento de soerguimento pascal dos caídos e mortos (Lc 7,15.10,29-37; At 9,41) em vista de retirá-los ou pelo menos oferecer alívio em suas penúrias.

Por isso que, muitas vezes, esses santos que se encontram todos os dias nas portas da humanidade dos acontecimentos, ora drásticos, ora serenos - seja por um tato desconhecido e temeroso dentro do ônibus e um bom-dia àquele que nunca se viu (1Pd 1,8; 1Jo 4,20), seja pela conversa despretensiosa e integradora que olha nos olhos e sente o coração, deixando de lado o desatento *WhatsApp* da inexpressão e da distância como se tem tornado ultimamente, seja ainda por uma vontade sem humildade que tem assolado a muitos (Francisco, 2018, p. 58-59) - não deixam de participar da dança ativa de envolvimento, que canta o mantra da esmola total de si: "[...] seja feita a tua vontade" (Bíblia [...], 2002, Mt 6,10b.26,42, p. 1713.1752).

A esses desafios, um óbolo apresentado por Francisco chega à tonalidade evangélica com um codinome interessante: ousadia e ardor. O papa faz questão de dizer que os santos "ao pé da porta", por assim dizer, têm o compromisso de "[...] partir e servir com aquela atitude cheia de coragem que o Espírito Santo suscitava nos Apóstolos, impelindo-os a anunciar Jesus Cristo [...]" (Francisco, 2018, p. 62-63), assim como fez a viúva em sua distribuição. É com a ousadia entusiasmada e inquieta que estes santos poderão cantar como mensageiros dos ventos a firme esperança que Jesus dá aos seus de não viverem afogados nas penúrias: "Tende confiança. Sou eu. Não tenhais medo!" (Bíblia [...], 2002, Mc 6,50, p. 1768). Para isso, faz-se necessário ter o Espírito como "costureiro" da missão, o dinâmico "humorizador" que ponteia a borda das vestes, ou melhor, o rasteiro de tantas realidades, e que não concerne a insegurança do medo e o hábito de paralisar-se na comodidade. Não! Francisco alerta que "[...] o que fica fechado acaba cheirando a mofo e criando um ambiente doentio." (Francisco, 2018, p. 64).

Em consequência disso, é imprescindível a permanente e sempre renovada mística missionária: tremer nas bases. Isto é, sentir o sopro do Espírito que "constrange" e, ousada e ardorosamente, faz as pernas dos oferentes caminharem à novidade de Deus sempre visível numa movimentação que vai além e reessencializa-se percorrendo todas as estradas, sobretudo, as periféricas, para que o centro tenha sua autenticidade, não no esturricado de um solo cortado como assim fala o pobre no seco nordeste de setembro, mas através dele, na fonte que jorra água viva, desde já, para o último dia (Jo 7,37-38).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, com esse estudo buscou-se compreender, hermeneuticamente, como a viúva pobre do evangelho equipara-se àquilo que o papa Francisco chamou de "santos ao pé da porta" como uma via mais teimosa e aproximada da realidade para viver a santidade nos tempos

de hoje. Por conseguinte, são esses e outros desafios frequentes e gritantes na sociedade atual que exigem dos "santos ao pé da porta" um toque diferente na campainha de cada casa e coração, para que conjuntamente, como numa fraternidade "cirandar", unam as mãos para bailar a mesma dança da ousadia, da alegria e do humor que revelam uma santidade próxima e irreverente, de riso frouxo e olhar perscrutador, que tudo dá sem nada perder.

Sendo assim, estes "santos ao pé da porta", mesmo nas penúrias, não tem ressalvas a oferecer a própria vida, não como uma oferta "inflamada e sangrante", mas livre, oblativa e sorridente, que no lema "[...] porém, na sua penúria, ofereceu tudo o que tinha [...]", faz presente aquilo que atesta o livro do Apocalipse, feito em melodia ao sinal de esperança que a despojada austeridade objeta: "Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo" (Bíblia [...], 2002, Ap 3,20, p. 2146).

REFERÊNCIAS

BARGAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos (I)*. 2 ed. [Tradução Jaldemir Vitorio; Giovanni di Biasio]. São Paulo: Loyola, 2002.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. Nova edição revista e ampliada.

BORTOLINI, José. *O Evangelho de Marcos:* para uma catequese com adultos. São Paulo: Paulus, 2003.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.

MENDONÇA, José Tolentino. *Libertar o tempo*: para uma arte espiritual do presente. – São Paulo: Paulinas, 2017.